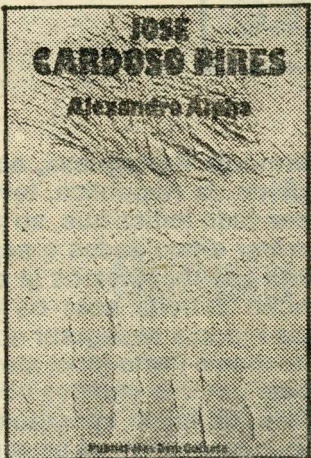


Livraria



José Cardoso Pires,
Alexandra Alpha,
Publicações D. Quixote,
447 pp.

É um livro que deslumbra pelo itinerário poético de um imaginário entre estudadas confissões e mágicas aparições. Porque há uma magia nesta estranheza de coincidências, entre o aparecimento de um ser no céu e a morte. Vida e morte de um sonho, de um colectivo, de uma forma de amar e de ser?

O que representa Alexandra Alpha para além da personagem feminina emblemática que a envolve? Há um fatalismo nesta visão do mundo? A acção decorre entre o início dos anos sessenta e meados dos anos setenta, até à morte da protagonista. Entre a queda de um anjo louro e a morte de Alexandra Alpha e de Maria que num avião rumaram para uma infundável queda. Depois, sobrem o fascínio de uma leitura irónica sobre o estar nacional, os tiques, as manias do ser português. Um itinerário demasiado ambicioso, que nos deixa por vezes perdidos, adormecidos num imenso espaço de fragilidades, máscaras, tantas coisas afinal tão juntas. Livro magno de um autor que percorreu e perseguiu como ninguém os contornos da nossa identidade. Este romance é também e sobretudo o prodígio de uma escrita fabulosa, única, criadora, sem uma quebra.



Sue Townsend,
Adrian Mole na Crise da Adolescência,
Difel, 176 pp.

Este romance é divertidamente trágico. Há uma imensa solidão nesta vida de adolescente. A visão do mundo é cáustica, quase áspera. Claro que é divertido analisar todas aquelas situações, do lado de fora, mas quando nos inundamos por dentro há um sopro gelado que nos percorre. Como quando Adrian Mole se desloca com a família a um parque de diversões que imediatamente se transforma num campo de concentração perante o olhar do protagonista: «A visão

de todo aquele arame farpado e das pessoas desanimadas e pálidas que andavam de um lado para o outro sem objectivo deu-me uma sensação estranhíssima.» A crise da adolescência ou a perversidade lúcida de um olhar sobre o quotidiano?



Miguel Rovisco,
Trilogia Portuguesa,
Edições Rolim, 214 pp.

Revelação na dramaturgia portuguesa com a atribuição do Prémio de Teatro da Secretaria de Estado de Cultura de 1986, assinalada pelo trágico desaparecimento do autor há escasso tempo. Esta trilogia é composta de três peças, respectivamente *O Bicho*, *A Infância de Leonor de Távora* e *O Tempo Feminino*.

Com um carácter histórico, estas peças conservam uma dramaticidade psicológica que transcende os contextos e os factos a que aludem directamente.

Guy de Maupassant,
O Horla,
Difel, 78 pp.

Nascido em 1850, morto em 1890, Maupassant é o célebre autor de *Une Vie* e *Bel-Ami* (1885). Flaubert apadrinhou-o e a sua morte foi chorada por Zola. Como nos revela Jorge Reis na introdução à obra agora publicada: «Em todas as suas obras, Maupassant revela uma sensibilidade exacerbada, que o compele refugiar-se — ele, o estroina, o aristocrata decadente — na roda dos seres mais fracos: animais, crianças, prostitutas.» O universo de Maupassant abeira-se do demencial, do fantástico.



Água Clara, Poetas em Vila Viçosa, organização de António Rebordão Navarro e Orlando Neves. Património XXI.

Muitos são poetas desconhecidos. Outros com obra publicada e de reconhecido mérito. Os *Encontros de Poesia de Vila Viçosa* já se tornaram uma tradição e confluem na dinamização do maior número de nomes poéticos. Refiram-se a propósito os já falecidos Raul de Carvalho, Ruy Cinatti e Luís Veiga Leitão. A organização deste volume, que conta com a colaboração de numerosos autores, é de António Rebordão Navarro e Orlando Neves.



CORRENS-LIVROS
TÉCNICOS E CIENTÍFICOS

Antarp de Quental, 14-A e B
1100 LISBOA